



**VIGARISTA JORGE**

Jorge Mautner

(1965)

**æ**  
*azogue editorial*



Eu sou o vigarista! Vigarista Jorge. Porém, porém... porém... e não havia mais nada que falar.

Emocionalmente aí me tens: — Um recalcado que procura amor, carinho...

Escrevi a tragédia do século XX! Sou filho de Brecht. Com toda a escandalosidade e cafajestice do vulgar e patético.

Eu sabia tudo. Eu o escritor e poeta e herói. Eu que sei tudo sabendo menos que os outros.

Que fui play-boy místico, que passei pelas tempestades da minha herança de ser mórbido, criança com pai judeu niilista tristonho, mãe esclava forte fonte da vida e sorridente? Padrasto alemão violinista humano e bom? Educado em meios sociais tão diferentes? Querendo sempre ter uma motocicleta, viver no Guarujá, estudando em colégio de ricos?

**INTRODUÇÃO:  
OS VIGARISTAS**

O vento se agita no escuro lá fora, tudo está cinzento e eu lembro lendas da minha adolescência. O vento parece que zune que nem a voz do Nelson Gonçalves cantando músicas tão tristes! O frio entra no meu corpo e eu vou andando pela calçada cinzenta e árvores verdes eu as vejo quando passo por elas e elas vão ficando para trás, minha carne caminha para a frente, as flores e os troncos das árvores vão ficando para trás lá longe. Vou encontrar com um feiticeiro. Sim! Ele é um velho e me disseram que ele sabe segredos bárbaros e tem poderes bárbaros. Fui andando. Já estava na estrada e um campo existia ao lado da estrada e árvores frágeis e delicadas e eram montões de árvores frágeis e delicadas nas quais o vento frio fazia carícias. E do outro lado da estrada o lindo mar! O mar era uma sinfonia azul disfarçada em cinzento. O mar se agitava, dançava com suas ondinhas e eu lembrava lembrava Josefina! A estrada era longa e do lado direito o campo com as frágeis árvores e do lado esquerdo o mar. A estrada no meio e eu andando nela para lá, para a frente. O campo era de um verde cinza e o campo e o mar se confundiam e meus olhos iam confundindo o mar e o campo e as árvores tanto se agitavam ao vento que se confundiam com o verde cinza da grama do chio, tanto se curvavam as pequeninas e frágeis árvores que pareciam grudadas ao chão e então cheguei ao ponto de confundir totalmente o campo com o mar. E não saber mais nada. Eu já estava tossindo e imaginando ver dois mares e dois campos quando surgiu correndo no campo uma menina vestida de chita vermelha e com tranças soltas ao vento frio e gelado e cinzento. Agora eu já sabia qual era o campo! A menina corria em cima dele! Olhei para o mar e sorri feliz. A menina corria e começou a chover, uma cortina de chuva logo surgiu e a menina vinha ofegante e se atirou nos meus braços e eu alisei seus cabelos muito tempo e fiquei

sussurrando coisas doces no ouvido dela pois ela precisa de amor e eu também e eu também. E ficamos nós dois lá, era como se ela fosse minha filha, meu amor, minha flor. O mar estava frio e chovia em cima dele. Eu disse para ela: — “Minha menina daonde você vem? Por que você está tão ofegante? Correu pelo campo por quê?” E enquanto eu perguntava eu alisava seus longos cabelos lindos e suas tranças onde as gotas da chuva batiam com violência. Os olhos da menininha me olhavam como um pássaro olha para o céu, olhos grandes suplicantes querendo amor, querendo amor, nossa! Como estes olhos se parecem com os meus! E a menininha disse com voz cantada — “Eu vim de uma casa grande mas eu não compreendia mais o que se passava naquela casa, tudo lá era tão estranho, mau, havia algo que eu não entendia e por isto eu fugi, fugi e vim correndo para o mar e encontrei o senhor.” E eu sorri. E disse: — “E eu encontrei você.” As gotas são coisas importantíssimas meus senhores. As gotas são toques, acordes rítmicos, eu nunca me imagino um escritor, sempre me acho compositor, as gotas são coisas essenciais, da natureza, do ritmo, da tristeza alegre pois ao mesmo tempo que nos dá nostalgia, tristeza, coisa cinzenta que entra dentro da gente e nos leva para a saudade que vem do passado ao mesmo tempo as gotas alimentam as plantas, as gotas dão vida para a nossa vida. As gotas são alegres criaturas tristes que caem das nuvens para a terra que nem turbilhão de violinos a chorarem por um céu cigano e cheio de saudade e alegria de vida! Quanta coisa faz o amor! Estou amando meu Deus! Deus não existe, mas estou amando meu amor! E eu disse então para a menininha: — “Você deixa eu ser teu pai?” E ela chorou de alegria. Eu então agora sou o pai dela! Eu que nunca tive um filho pois mulher alguma me amou agora tenho uma filha! E comecei a gritar: — “Tenho uma filha! Uma filha que é a menininha de tranças!” Tanto gritei e pulei na chuva naquela estrada de um lado o mar e do outro o campo que ela ficou sozinha sentada na estrada e começou a chorar: — “Estou sozinha papai!” Gritou ela. E eu me voltei apavorado e suando reconheci! Eu a abandonara para ficar gritando. Às vezes o poeta grita demais e esquece a criatura humana. Esta lição jamais esquecerei. E voltei a ela minha filhinha querida. Eu a peguei nos braços e beijei seus cabelos e fui desfazendo suas tranças e soltei seus cabelos que se soltaram que nem velas de uma nau, velas enfunadas da nave esperança do futuro! Minha filhinha querida tudo na minha vida! E eu fa-

lava para ela com voz baixa: — “Filha é o teu futuro. A casa grande é má pois já esqueceu o amor. É nas casas pequenas que mora o amor. Vamos construir uma casa e nela viver. Ah! Minha filha! E correr pelos prados, e um dia você vai se casar com alguém que te ama e teu velho pai ficará vendo tudo escrevendo que nem um demônio pois é esse o trabalho do teu pai, escrever pelo futuro, para que venha mais depressa o futuro.” E parei de falar. E sonhei com a revolução vestida de noiva para eu com ela casar. Pelo menos caso com a revolução. Pelo menos com esta eu caso. E ri da piada. Ri e ri e minha filha olhou-me com espanto. E aí fiquei roxo de raiva, ódio, e gritei: — “Pensam que isto que faço não é trabalho! Escrever, escrever. Será que era melhor eu trabalhar na enxada? Todo o trabalho tem o mesmo valor! Trabalhar na enxada ou escrever o que não suporto é dizerem que o que faço não é trabalho, e existem certos burgueses arumadinhos, penteadinhos, comerciantes que exploram o ser humano que dizem com ironia para mim, escrever? Ora, isto é divertimento. Você devia é trabalhar no comércio. Sinto nojo, ódio deles. Sinto até vontade de matá-los. Trabalhar na enxada ou escrever é a mesma coisa. Se as duas são feitas com amor, amor ao trabalho. Tenho ódio e nojo do mundo podre! Minha filha vou me suicidar de desgosto!” E fiz pose teatral. Mas em toda esta pose teatral ia uma terrível verdade de um montão de coisas. Minha filhinha disse: — “Pai, não se mate por favor que eu fico sozinha de novo no mundo mau e podre dos comerciantes que exploram o homem.” E eu fiquei sério. E disse afagando sua cabecinha: — “Não, não filhinha eu não me mato.” E houve o terrível silêncio, a pausa de ritmo que existe em todas as sinfonias. E na minha também existe. Olhei para a frente e vi a estrada infinita e a vida estava cheia de possibilidades. Futuro! Nave louca! Revolução! E eu disse com voz triste e cansada: — “Vamos ver um feiticeiro que dizem é o máximo. Quem sabe ele faz algo de bom na gente. Quem sabe ele acelera a revolução.” E fomos ver o feiticeiro. Eu dei a mão para a minha filha e lá fomos pela estrada sem fim andando na chuva que caía em cima do mar de nós da estrada e o campo.

Eu ia triste cabisbaixo. Ela começou a cantar. Minha filha cantou músicas de roda! O cravo brigou com a rosa. Isto ela cantou com voz tão pura que eu quase chorei! E quando ela parou de cantar eu cantei contagiado pela cantoria dela, pela alegria que minha filha cantando despertou em mim. Eu cantei uma música de Nelson Gonçalves. Foi quando

por nós passou um caminhão calhambeque todo quebrado e barulhento. Quem guiava o caminhão era um velho de barbas brancas, cabelos brancos brancos e olhos tranqüilos de boi olhando o infinito.

Ele surgiu atrás de nós e ia na mesma direção que nós íamos. Eu gritei: — “Ei! Dá carona?” E o calhambeque parou e nós subimos. O velho sorriu e disse: — “Novos por aqui?” — “Sim.” Disse eu. E minha filha pôs-se a brincar com uma ferramenta que achara no assento do caminhão. O velho disse: — “Conheço quase todo mundo destas redondezas, a quem procuram?” E eu disse olhando para o futuro, para a frente, para o infinito lá na frente da estrada e parece que vi algo luminoso lá no fim bem longe. Eu falei: — “Procuramos um tal Xorin, velho feiticeiro, dizem que é bárbaro.” E o sujeito que guiava, o velho começou a gargalhar, a gargalhar. Ele rindo disse quase que chorando: — “Mas sou eu. Sou eu! Sou eu o Xorin, aquele que tem muitos nomes e também se chama João.” — “Mas que sorte encontrá-lo assim!” Disse eu. E minha filha parou de brincar e ficou olhando para o velho com espanto. Mas aí o velho parou de rir e disse triste: — “Feitiçaria não existe.” E fez uma pausa. Silêncio. Eu nem respirava quase. E falou com os olhos tristes, com a voz triste, mas com um certo sorriso nos lábios que era como se fosse um pingo de esperança a colorir sua carne, que nem aquela certa luminosidade lá no fim da estrada lá longe. Falou: — “Sabe meu senhor. Muitos anos pratiquei feitiçaria. Eu fingia. Fingir eu não fingia. Mas é que eu tinha poderes estranhos diziam. O que eram estes poderes? Compreensão. Compreensão humana. Só. E como esta pobre gente nem médico tinha eu usava o título de feiticeiro pois assim tinham confiança em mim e eu os ajudava e dava conselhos e lhes dava certas ervas de efeito simples e bom. Mas certo dia veio um menino se curar. Não tinha mãe nem pai. Eu fiz tudo para curá-lo. Quase acreditei na minha feitiçaria só para salvar o menino. Mas não adiantou. Ele morreu. Desde então larguei de ser feiticeiro. Todos os dias choro no seu túmulo. Enterrei-o no fundo da minha casinha. Em cima de um rochedo. Do rochedo se vê o mar. Ele era pobre não tinha nem mãe e nem pai nem documentos. Eu sou um velho triste.” E houve um terrível silêncio. O calhambeque estava chaqualhando e nossos corpos tremiam de frio, emoção e por causa da estrada e do molejo do calhambeque. Eu chorando disse: — “Sabe bom velhinho. Eu sou poeta. Poeta é fraco, chora, tem medo de apanhar dos homens fortes, mas tem amor

tanto amor recalcado que pode às vezes se suicidar por não achar lugar onde despejar seu amor. Velhinho! Creia no futuro!” E ele olhou-me com olhos tristes de boi, mas havia aquela espécie de sorriso nos lábios, luz que nem no fim da estrada. Futuro! Revolução! Viajamos mais um pouco em silêncio. E eu disse: — “Olhe bom velhinho, vamos fazer uma coisa? Você volta a ser feiticeiro. Eu te ajudo nisto. Conheço também um pouco a natureza humana. Sou escritor e poeta e compositor. E minha filha com a sua alegria e magia de infância e coisa humana também ajudará a curar os doentes!” E segurei minha filha pelos cabelos e ela olhava o velhinho e o velhinho chorava. Suas lágrimas caíam pela sua face e batiam na direção. As minhas lágrimas caíam no meu paletó e nos cabelos de minha filha soltos que nem bandeira de liberdade. Só minha filha não chorava, ela sorria, ela com seus cabelos velas enfunadas da nau do futuro era que nem a luz que brilhava lá no futuro da estrada. Minha filha! Futuro do mundo!

E chegamos com o calhambeque na casinha do velho. Parou o carro e nós descemos. Era um lugar musguento, cheio de pedras com musgo. Mar batendo na areia de prata lá embaixo. Estrada do lado da casa. Bosque e mato e campo do outro lado. Vento, chuva, casinha. Túmulo do menino morto lá em cima de uma rocha atrás da casa. Fomos lá ver. O velhinho disse: — “Venham ver o túmulo do menino morto.” E fomos. Eu fui levando o velho, ele se apoiava em mim. E era como se de fosse o meu pai. Nós três vimos o túmulo e o velho beijou a pedra chorando e o vento zunia e nós três em cima da rocha e o mar batia batia na rocha e na areia cor de prata ao lado da rocha. Túmulo e três mortais em cima da rocha. Virei-me. Vi o mar enorme e cinzento e verde a dançar tristonho. Olhei depois minha filha. Cabelos negros soltos olhando o túmulo como-vida chorando choro de criança. Depois olhei o velho. Cabelos brancos olhando o túmulo chorando choro de velho. E aí me olhei. E fiquei com ódio. Poeta fraco. De que adianta escrever tanto? Era melhor eu trabalhar na enxada? Vou queimar tudo que escrevi! Depois me ajoelhei também pois o velho e minha filha estavam ajoelhados e chorei olhando para o túmulo.

O vento batia na nossa face e na pedra. O mar atrás de nós rugia. As gotas eram geladas. Apertei com as mãos minha carne fraca e imbecil. Apertei com as mãos minha face chorona. Apertei e tremi por todo o cor-

po e a meu lado direito estava minha filha e do esquerdo meu pai, quero dizer, o velhinho. Eu agora estava de pé. Senti-me tonto por segundos e mergulhei num turbilhão de pensamentos. E lembrei de Isiuma que eu gosto tanto. Que é casada com o Nelson e que leu toda a minha obra. Muito obrigado Isiuma. E lembrei da Josefina que é meu amor e eu depois saí do turbilhão e os dois, velho e filha se levantaram e nós descemos da rocha e saímos do frio e entramos na casinha quentinha do velho e tomamos sopa quente que estava no fogão e comemos pão e fomos dormir felizes e tristes com alguma coisa. Eu sonhei. Minha filha também. Ela depois me contou seu sonho. E o velhinho também. Ele também contou. Lá fora o vento zunia frio e gelado. O menino dormia em seu túmulo. O mar era água gelada e nós três dormíamos e o calhambeque dormia lá fora. Até amanhã.

No dia seguinte acordamos. Eu sonhara que já a liberdade havia chegado. E que havia uma linda bandeira vermelha a dançar ao vento no lugar do túmulo do menino morto enterrado lá na rocha. E que no lugar da casinha do velho onde estávamos havia um prédio todo branco, limpo, plástico, e médicos vestidos de branco andavam de cá para lá e quando passavam por mim, sorrindo diziam: — “E então, poeta, está contente?” E eu sorria, sorria, me sentia na nuvem da felicidade! E havia máquinas lindas e modernas. Quando veio um médico que disse para mim: — “Venha ver o menino ressuscitar poeta, venha, entre nesta sala.” E me levou para uma sala de matéria plástica azul e lá estava o menino morto e médicos e enfermeiros e enfermeiras assistiam a operação. Era algo importante. O médico que me levara até a sala disse sorrindo: — “Ele vai ressuscitar. Com esta nova máquina atômica ele vai ressuscitar.” E a máquina funcionou e o menino ressuscitou e todos aplaudiram e eu fui abraçar o menino e depois fui beijar a máquina que o salvou e era uma máquina linda, toda prateada e com um montão de botõezinhos de luz vermelha. Os médicos e enfermeiros e enfermeiras sorriam. Eu também, eternamente. O menino ressuscitado gritou: — “Vou ser médico!” E todos sorriram e riram de felicidade. Eu olhei bem para a máquina e li numa placa: “Máquina atômica de ressuscitar mortos, departamento 4 da zona 5 dos Estados Socialistas Brasileiros.” E sorri. Aí o sonho acabou. Levantei da cama. Minha filha esfregava os olhos. Perguntei para minha filha: — “Você sonhou?” Ela disse: — “Sim, papai. Sonhei que corria por

uma campina e corria e um pássaro corria comigo e a corrida era sem fim e comigo corriam um montão de outras criancinhas. Eu via você papai olhando para mim a sorrir, você e o velhinho bom. Depois enquanto eu corria pelo prado lindo e verde luminoso com céu azul em cima senti uma mão que me segurou e vi que era um menino. Aí papai eu fiquei rubra, meu coração pegou fogo e o menino que era lindo disse: — ‘Linda menina sou o menino que pensam que morreu. Eu não morri nada.’ E o menino sorria, tinha um ar de brincalhão. Ele falava e sua voz me envolvia: — ‘Eu não morri e quero casar com você. Você quer linda menina?’ E eu o beijei e aí acordei.” Olhei para a minha filha. Ela olhava para mim. Abracei-a. O velho cutucou meu ombro e disse: — “Já fiz o café. Venham tomar.” E eu disse para o velho enquanto nós nos sentávamos na mesa e tomávamos café quente e comíamos pão: — “Velho, você sonhou?” Ele não respondeu. Eu perguntei de novo. Aí ele falou olhando para o café e com voz arrastada: — “Sim, sonhei que era moço.” — “Só isso?” Perguntou minha filha comendo pão e falando com a boca cheia. E o velho disse: — “Só isso. Eu era um moço, era um menino. Era...” E fechou os olhos o velhinho, e continuou: — “Era o menino morto.” Eu disse então: — “Que gozado! Nós três sonhamos com o menino morto. E nos três sonhos ele viveu. Isto é bom!” Continuamos a tomar café. E aí alguém bateu na porta.

Tóc-tóc-tóc. O velho berrou com voz rouca: — “Entra quem bateu!” E a porta se abriu e entrou um menino! O velho se voltou para ver quem entrara e gritou. O menino que entrara sorria. Eu perguntei: — “O que foi? Por que o grito?” E o velho disse com voz do outro mundo: — “Mas é o menino mooorto!” Caiu num acesso de tosse. O menino sorria. Sorria. O velho tremia, tremia. Derrubou o café que caiu no chão. Eu me levantei. Eu perguntei para o menino gritando e nervoso: — “Quem é você?” E o menino disse: — “Sou um menino. Meu nome é Jorge. Vim aqui para que o velho feiticeiro possa curar minha mãe que está muito doente. Tenho mania de sorrir. Mas na verdade estou chorando meu senhor. Estou chorando pois dói meu coração. Eu sorrio pois é defeito da minha boca, mania, doença, não sei. Mas minha mãe está muito doente! Ela não tem marido pois meu pai eu não sei quem é! E no dia em que eu soube isto eu fiquei rindo num acesso nervoso, rindo rindo e desde então meus lábios sempre ficam nesta posição.” E o menino chorando se atirou nos meus

braços. O velho caiu da cadeira e caiu no chão tremendo e falando: — “É o menino morto, é ele, sou eu, é meu filho!” O velho delirava. Minha filha quis começar a chorar mas aí gritando eu falei: — “Nada disso minha filha! Chega dois chorando, dois que têm real motivo. Nós temos é que ajudá-los, chorar não adianta! Vamos filha! Fique consolando o menino que enquanto isso eu ponho o velho na cama.” E minha filha chegou ao lado do menino que soluçava sorrindo e pôs-se a alisar os cabelos do menino. Eu coloquei o velho na cama. O velho estava com febre. Cobri-o com cobertor e fiz um suadouro. Depois falei para o menino que já não mais soluçava, agora só sorria enquanto minha filha alisava seus cabelos sorrindo: — “Vamos ver a tua mãe. O velho está doente. Mas vou eu. Eu sou aprendiz de feiticeiro. Vamos.” E saímos. Minha filha deu a mão para o menino e eu dei também. O menino ia no meio de nós dois. O velho tremia na cama. Subimos no calhambeque. Dei a partida e lá fomos para a casa do menino que sorria tristonho. Ele indicava o caminho com a sua mãozinha magrinha e que tremia de frio de emoção e de tristeza e de tanta coisa mais! Vai ver tremia de fome também. Eu guiava e sentia ódio e amor no coração. Minha filha alisava os cabelos do menino como se fosse mãe do menino. Eu sorri amargamente.

Chegamos. Era um barraco miserável. Fedia. Descemos do calhambeque e entramos no barraco. Numa cama toda suja estava uma mulher descabelada, magra. Ela falou com os olhos secos para mim: — “Você não é o velho. Eu quero o velho!” E me fuzilou com os olhos secos. Eu disse: — “Minha senhora, eu vou curá-la.” E sorri. E continuei: — “O velho não pode vir mas vim eu que sou aprendiz de feiticeiro. Eu não sou o velho mas sou o moço.” Aí ela sorriu e eu me aproximei dela e ela respirava com dificuldade. Estava quente. Febre. O menino abraçou a mãe. Ela alisou os cabelos dele que nem minha filha o fizera. Minha filha agarrou meu braço e ficou agarrando meu braço durante muito tempo. Eu peguei na mão da mãe do menino e comecei a esfregar a mão dela e dizia: — “Estou fazendo uns passes mágicos. Estou me concentrando. Você vai se curar. Creia no amor, e na amizade humana. Creia no futuro!” Olhei bem para ela e ela sorria e seus olhos que eram secos agora brilhavam! E beijei a mão dela. Ela se remexeu na cama, Eu falei: — “Eu te amo. Eu te amo. Você tem alguém que te ama. Pode crer. Pode crer, pode crer. Sou eu o pai do teu filho. E voltei para ficar com você, eu voltei para ficar com você e...

ei! ei! minha senhora...” E ela se remexeu muito na cama. Tanto tanto que seu corpo parecia estar pegando fogo. Ela ficou tão alegre com as minhas palavras, tão alegre que morreu. Ficou fria e morreu sorrindo e com os olhos brilhantes e com o menino ao seu lado alisando seus cabelos. Sim, pois desde o momento em que ela começou a se remexer ela não alisou mais os cabelos do menino mas era o menino quem alisava seus cabelos. E eu exagerei na dose, exagerei, mas era verdade aquilo que eu dissera! Amor demais era ruim? Não sei, não sei mais nada. Eu a matei! Eu tremia por todo o corpo. O menino alisava os cabelos da mãe. Morreu uma puta, uma mulher, um ser humano, uma vítima do mundo dos comerciantes. E eu poeta lírico idiota o que fiz? Matei-a com calor, com amor. Com poesia.

Eu disse: — “Menino, vem comigo. Vem.” E ele veio. A mãe ficou lá morta. Como eu queria que tudo isso fosse só sonho! Entramos no calhambeque. E fomos até a casinha do velho. Descemos. O velho já estava levantado. Estava quieto. O menino que tinha o mesmo nome que o meu foi brincar com a minha filha e correram e brincaram naquela tarde pela campina. E eu disse para o velho: — “A mãe do menino morreu.” O velho sacudiu os ombros.

Adotamos o menino e quando ele perguntava pela mãe nós dizíamos que ela foi fazer uma viagem e que voltaria algum dia. Ele brincava feliz. E eu e o velho dávamos consultas aos montes. Palavras de consolo. Gestos teatrais às vezes resolviam. Éramos os semeadores da mentira para o bem. Gente miserável acreditava em nós. Eles tinham que ter qualquer coisa, alguma fé. E tínhamos uns santos esquisitos. Santos de macumba, um São Jorge Ogum bonito e dourado. Nós, eu e o velho éramos os vigaristas da miséria. Às vezes ficávamos em tal excitação que acreditávamos por momentos que tínhamos mesmo poderes mágicos. Mas logo vinha a realidade do pão. Repartíamos a comida. Daonde conseguíamos comida? Ora, eram os presentes que os que eram por nos “curados” davam. Cada um dava o que queria. Poderia não dar nada. Não havia obrigação. E assim íamos vivendo. E eu escrevendo que nem demônio.

Apareceu numa noite de chuva. Gozado! A chuva caía azul lá fora. Apareceu um senhor seco e com cara de mau. Ele entrou na casinha e as crianças dormiam, minha filha e o menino da mãe morta Jorge. E eu e o velho jogávamos cartas, uma partida de buraco com cartas sebatas. O

sujeito entrou na casinha e berrou: — “Curandeiros! Vocês estão presos! Vamos! Em nome da lei!” E lá fomos eu e o velho presos. O velho me disse no caminho: — “Já fui preso muitas vezes. Não me importo.” E eu respondi: — “Presos em nome de que lei? Da lei da injustiça? Da miséria? Dos comerciantes?” E o guarda me mandou calar. Eu sorri. Ele me deu um tapa na boca. O carro da polícia com nós lá dentro navegava na escuridão com ruído de monstro. A noite era de chuva azul! Eu disse: — “Que chuva bonita! Olhe velhinho, ela é azul.” E o guarda me mandou calar.

Chegamos na delegacia. Era um prédio escuro e o delegado era um sujeito de óculos. Na delegacia nos revistaram. Tiraram as coisas que tínhamos nos bolsos e puseram na mesa do delegado e o delegado pegou uma cruz que estava no bolso do velhinho e perguntou: — “De quem é a cruz? De quem é a cruz?” E o velhinho respondeu afobado com medo: — “É minha, é minha seu doutor!” O delegado berrou: — “Cruz? Como é que feiticeiros que nem vocês têm cruz? Jesus não é para andar na mão de ratos que nem vocês!” E eu falei com voz calma: — “Jesus era dos pobres, era contra a polícia.” Aí levei um tapa no rim. Caí. Me levantaram. O velho tremia. O delegado pegou numa fotografia e perguntou: — “De quem é esta fotografia deste filho da puta de Fidel Castro?” E eu falei orgulhoso: — “É minha esta gloriosa fotografia deste libertador dos povos da América Latina grande Fidel Castro!” Aí levei muitos socos e acordei na cela. Deitado numa pedra fria. A boca sangrava. O velho tremia. Eu sonhava com Josefina eu e ela casados vivendo num mundo bom e socialista.

Depois dormi. De tontura. Enjôo. Quando acordei o velho já não estava mais ao meu lado. Chamei um guarda gritando: — “Aonde vocês puseram o velho?” — “O velho morreu.” Disse o guarda. E eu chorei sozinho na cela.

Depois me soltaram. Fui andando. Pela estrada. Sozinho. Chovia a chuva que não era mais azul mas era cinzenta. O mar rugia e o campo se confundia com o mar. Fui andando e lá no fim da estrada sem fim brilhava aquela luz que nunca se apagava. Eu sorri. Fui andando caminhando e andei muito e não achava a casinha do velho que morrera e onde estava a minha filha e o menino que tinha o mesmo nome que eu. Eu estava desesperado. Minha cabeça doía, era forte a dor de cabeça. Deitei na estrada e dormi. Eu não achava as crianças!

Acordei. Comecei a cantar uma música do Nelson Gonçalves. Al-

guém a meu lado surgiu. Era um sujeito alto. Tinha um sorriso na boca. Eu estava tremendo. Ele perguntou: — “Você é o poeta Jorge Mautner?” — “Sim, sou eu.” E ele então falou: — “Você tem que se unir ao nosso grupo.” — “Grupo? Que grupo?” Perguntei eu. E ele disse apontando para bem longe, além do mato, lá no fim da campina lá longe: — “Lá nas montanhas. Nós somos guerrilheiros. É porque veio o golpe de direita.” — “Ah! Eu não sabia.” Disse eu ainda tonto por causa da novidade. — “Venha” Disse ele. E eu parei e falei: — “Mas e meus filhos?” O guerrilheiro falou: — “Ora, nós cuidaremos deles. Ou alguém deles cuida. Nossos inimigos não chegaram ainda a matar crianças. Mas isto a gente resolve depois. Quem sabe a gente embarca teus filhos para Cuba.” E eu fui com ele. E fomos até as montanhas. Fazia muito frio e eu caminhava e nós dois tínhamos o coração alegre.

Atrás de mim ficou o mar, algum dia eu voltaria a vê-lo. Quando a libertação tivesse chegado. As montanhas se aproximavam. Minha filha aonde estaria? Minha filha é todas as crianças do mundo! Todas as meninas e meninos. Eu sorri e quando ganhei minha metralhadora senti-me forte e dei um rugido de leão e todos os guerrilheiros riram. A chuva virou azul de novo e um lenço vermelho no pescoço me defendia do frio. Eu estava feliz! Eu estava feliz, mas quase morri do coração quando se aproximou de mim adivinhem quem! Era Josefina meu amor socialista! Ela veio requebrando e eu me engasguei e eu aí abracei-a e beijei-a e ela gostava de mim! Ah! Eu não abandono esta revolução por nada deste mundo! Josefina guerrilheira! Meu Deus! Meu Deus não, meu amor, isto é bárbaro demais! Revolução assim é um sonho! Ah! E Josefina arrumou meu lenço vermelho que estava no pescoço, arrumou-o direito. Ah! Não posso mais. Acho que não morro de bala inimiga não! Morro do coração! E fiz ao lado de Josefina um montão de poemas revolucionários. Ali mesmo. E depois a beijei. A metralhadora atrapalhava. Joguei-a no chão. Recebi uma bronca do chefe das guerrilhas. Ele disse: — “Nunca deixe a metralhadora se sujar à toa no chão e não namore em serviço!” Ah! estes vigaristas escritores compositores eslavos-judeus-brasileiros!

**FIM DA INTRODUÇÃO**